



Director literario:

Antonio da Silva
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

O CASTELO DO DIABO

Por Horacio de Castro Guimarães
Desenhos de Eduardo Malta

Continuação do número anterior

— «Bem. Terás o que desejas» replicou a temível creatura, mais humilde e submissa, ao vêr que tinha pela prôa um homem violento e decidido.

Os outros hóspedes, que se haviam escondido, medrosos, ao vê-lo desaparecer, voltaram afoitos para junto do soldado que louvaram pela sua ousada valentia. O *crusado* agradecia-lhes, lisonjeado, aquelas provas de admiração e como era ainda muito cêdo, combinaram fazer umas partidas de jogo, para passar um bocado da noite.

O soldado, a principio, arriscou, a mêdo, pequenas moedas, mas a sorte favorecia-o e dentro em pouco, diante dêle, já a fortuna acumulava reluzentes castelinhos de moedas de ouro,

Ao vêr tanto dinheiro e como dentro dêle refervessem

forte e grôso. Trabalhava com a tentação de sêr rico, de juntar sacos de ouro, para poder ser, na sua terra, um Senhor poderoso e rico... Mas, como os meninos decerto já ouviram dizer, a roda da fortuna *tanto anda como desanda!*



já os vapôres de muitos picheis emborcados, o desgraçado entusiasmou-se, perdeu a cabeça e começou a jogar



Assim aconteceu ao nosso soldado: tanto quis que ficou sem nada... E por último, não tendo mais que jogar, arremessou para a mēsa, furiosamente a espada que desprezou da cinta, gritando, colérico:

— «Jogo a minha espada! Que o Diabo a leve também!...»
Baralhadas, partidas, no azar do jogo, mais uma vez

Continúa na última página



O FEITICEIRO HUGO

Conto de JOSES. RAU
Desenhos de EDUARDO MALTA

ERA uma vez, num país distante, uma pastorinha de cabelos de sol. Todas as manhãs descia ao vale com as suas ovelhas e fiava na sua roca, cantando um velho rimance:

Meu cavaleiro cruzado,
Meu filho de imperador...
Voltai dos braços da guerra
Aos braços do meu amôr...

Dum lado, estendia-se a cidade do rei. Do outro lado, erguia-se uma montanha terrível, coberta de neve onde morava o feiticeiro Hugo, num castelo de rochas negras.

O príncipe herdeiro, passando um dia pelo vale no seu corcel de guerra, segurando no guante o seu falcão favorito, ao som das businas de caça, viu a pastorinha e enamorou-se dela.

Isto era muito natural porque a pastorinha tinha o cabelo de sol e também porque, já desde o dilúvio, segundo rezam crônicas, os príncipes herdeiros casam com as pastorinhas. Ela achou-o guapo, gentilhomem, donairoso e no dia seguinte, quando êle tornou a passar num cavalo diferente, tendo na cabeça um gôrror de plumas, ela, sem saber quem ele era, cantou o seu velho rimance:



que nem ligava à imagem a ideia do amôr, do seu primeiro amôr, Um dia, mais pensativa do que nunca, seguida de suas ovelhas, atravessou o riacho

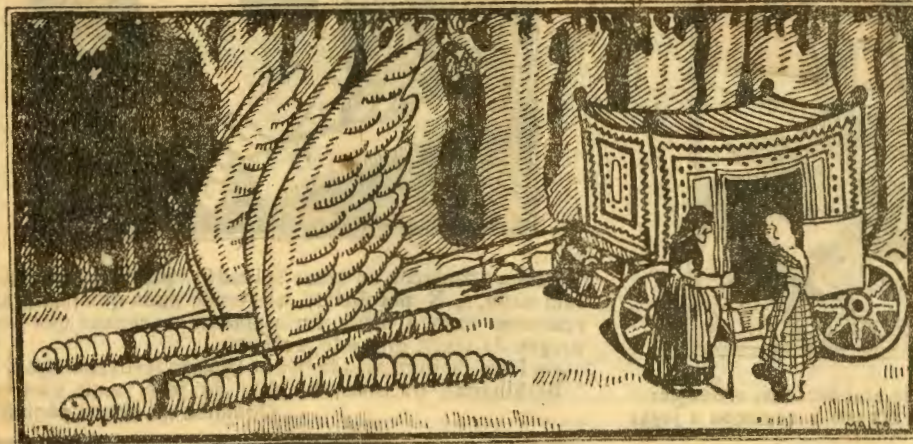
Meu cavaleiro cruzado,
Meu filho de imperador...

Mas o príncipe nunca mais passou. Desapareceu numa caçada como por encanto, sumido numa brenha, e todos os esforços foram baldados para o encontrar. O rei mandou deitar pregão pela cidade, prometendo, a quem indicasse o seu paradeiro, dez mil maravedis sendo varão, os esponsais de princesa, sendo donzela. Volvidas semanas, perdida já a ultima esperança, a côrte vestiu de luto carregado e, em sinal de tristeza o carrilhão da igreja maior, chorava todas as tardes em longo soluço.

A pastorinha sentia o coração muito entalado no peito e já não fiava o linho da sua roca. Os pregoeiros não haviam chegado à solidão onde vivia e ela ignorava que o príncipe desaparecera. Sabia só que a imagem daquele cavaleiro formoso a perseguia a toda a hora mas era tão inocente

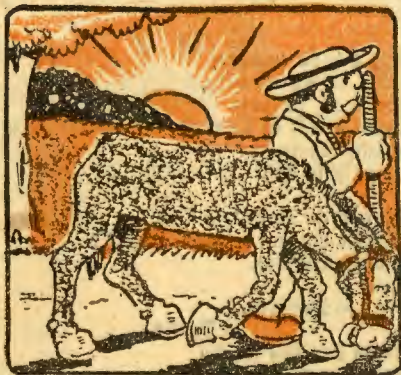


do vale e colhendo uma giesta aqui, uma papoila acolá, meteu-se pelas matas da montanha. Quando deu por si era noite escura, as ovelhas estavam deitadas naservas e ela teve um grande medo que lhe fez chegar as lágrimas aos olhos. Então reparou que os seus cabelos iluminavam, ardiam, fulgiam como se tivessem bocadinhos de estrelas. E para afugentar o pavor da escuridão, foi andando por entre as arvores cantando o velho rimance.



(Continua no proximo numero)

ESPERTEZA



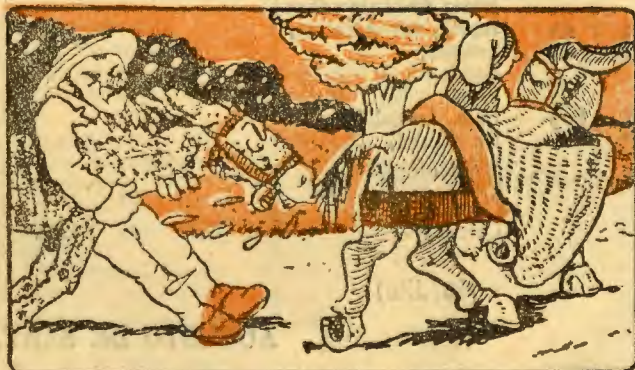
Manhã cedo, vinha o Bento
Do seu distante casal,
Trazendo à redea um jumento,
Ao mercado semanal.



Num saquitel de riscado,
Levara o nosso aldeão,
Um presente de noivado
Que custára um dinheirão,



Lembrança da «tia» Benta,
Destinada à velha prima
Que, apesar dos seus setenta,
Casára pela vindima.



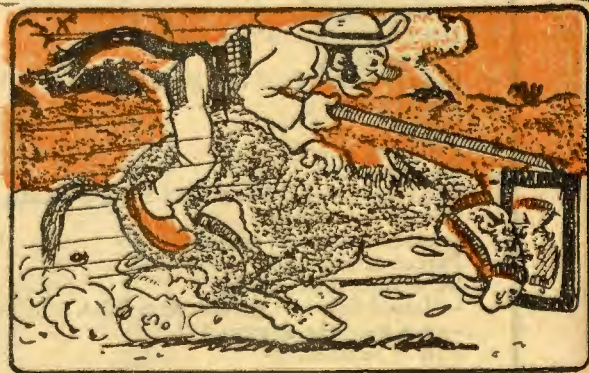
O forte mede o pequeno
E, não temendo a arrogância,
Volta-lhe a cauda, sereno,
Sem lhe ligar importância!



Toma o fraco o gesto á conta
De séria provocação,
Mas... não podendo co'a afronta,
Decide atirar-se ao chão!



Coloca-o ao solo rente,
E o bicho ao ver-se, acontece
Julgar ver na sua frente
Um bruto da sua espécie.



Ergue-se; investe, ligeiro,
E procurando — que ideia! —
Atingir o «companheiro»...
Vai, sem qu'rer, parar á aldeia!

A... SALOIA

(A' minha interessante sobrinha Maria Amelia, entusiasta apreciadora do PIM-PAM-PUM!)



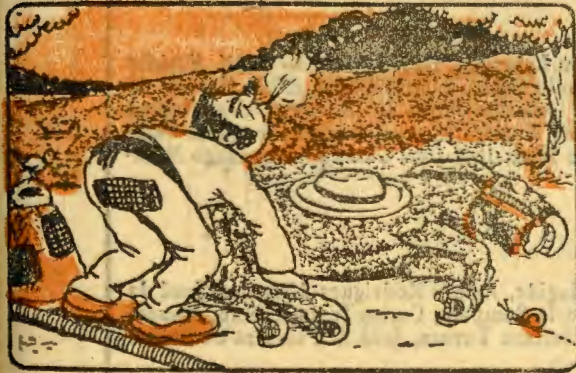
E pensava:—«O animal
Vai valer-me bom «caroço»...
Um burrico que, afinal,
Só tinha a pele e o osso!



Na estrada, em certo momento,
Passa o «Jerolmo» Lagarto,
Conduzindo outro jumento,
Mas este valente e farto.



do Bento, a presumir
de afeito aos rigôres da brêga,
retende à força investir
A' cabeça da «colega».



Quem ò visse estatelado
Em tão teimosa atitude,
Julgá-lo-hia colado
Ao meio do chão, com grude.



O Bento, que era «sabido»,
—Ou ele não fosse velho!—
Tira do sacco aludido
O que ele apertava—um espelho;



Quanto mais lutar deseja,
Quanto mais galôpa a sua,
Mais o «outro» — salvo seja! —
Do mesmo modo recua...



Feitas as contas, o Bento
Chegou tão cêdo ao mercado,
Que impingiu caro o jumento
A um cigano... «taxado».

Na história, de graça falha,
Achareis moral vulgar:
—«Todo o asno come palha,
O caso—é saber-lh'a dar!»

VERSOS DE JORGE CLARO

CONCURSOS DO PIM-PAM-PUM!

Havendo terminado o prazo para a entrega dos originais de poesia, desenho e contos infantis, como provas para os

3 grandes concursos DO PIM-PAM-PUM!

prevenimos os concorrentes de que, no proximo numero do nosso jornal, publicaremos a lista dos membros do júri que classificará os respectivos trabalhos.

Continuaremos, entretanto, a publicar a lista dos autores dos trabalhos recebidos, na impossibilidade de acusarmos neste número, a recepção de todos.

SÉRIE A:

Herminio Rodrigues d'Oliveira, Maria Amelia Teixeira, Maria do Céu Labrador, David Abrahão Tuati, Emidio Araujo Pereira, Mingas Labrador, Alda Santos, José Prata Farinha, Antonio Costa, Afonso Gama, Ellen Maryan de Sousa, Olivia F. Lopes, Fausto Augusto Gomes Nobre, Pilar da Conceição, Leonilde Maria de Jesus Ferreira, Regina Martyr Estêns de Alcoforado Pinto Calhau, Augusto Pires Tiburcio, Cremilde Moreira Raposo, Lucinda Santana Campos, Maria Isabel Mayer, Gastão Furtado Pereira dos Reis, J. Miguel F. de Mira, José Dias Costa Junior, Hugo Molarrinho Carmo, Armando Duarte Rebelo.

SÉRIE B:

Alvaro E. de Barros Rosa, Alvaro Rosa, Evarista Meta, A. M. B., Mondagide, Amaro Rodrigues Abrantes, José da Silva Seca Junior, Trintalia Jesus Palmeiro, Anibal Gomes Nobre, Adalberto Sampaio, Carlos Justo Rebelo, Manoel Marques Pereira, Maria Antonieta do Vale, Vasco M. Roldão, Baldomero Herrera Tavora, José A. Ferreira de Sousa, José Maria Ortega Raio.

SÉRIE C:

Maria Labrador, Palmira Candida Brito Ferreira, Manoel M. Agostinho, H. D. Neves, Antão de Moraes Gomes, José da Silva Cesar, Roçix, José d'Almeida Piedade, Maria Branco Ferreira, Antonia Grave Costa.

CORRESPONDENCIA

Armando Fernando de Morats e Castro. — Achei os desenhos muito interessantes. Quando nos pedem com tão bom modo, seria um «crime» recusar...

Serão publicados.

Carlos Pedro da Silva. — Podes mandar. Será publicada se estiver nas condições.

Gastão Furtado Pereira dos Reis. — Recebido o conto e o abraço... O primeiro foi para Concurso e o segundo guardel-o...

Manuel Joaquim Batista. — Então zangaste-te? O que eu dizia copiar, tanto se refere a papel quimico, como á vista. Por enquanto não se decide nada.

José da Silva Seca Junior. — Agradeço as suas boas palavras. Não tenho barbas, mas já sou velho e careca...

Fiquei de chapéu no retrato para não me constipar... Enquanto á poesia deves sentir-te satisfeito de eu a conhecer e peço-te desculpa de ter duvidado dos teus méritos! E's um artista!... O conto, apesar de não estar mau, foi para concurso.

Teresa Adelinda. — Só recebi dia 20. A maioria das pessoas de imaginações ardentes e sonhadoras, não leem o Pim-Pam-Pum...

Na minha iraca opinião os versos são esplendidos!

Só tenho pena de que não possa satisfazer.

Esperamos oconto.

José Maria, Ortiga Raio. — Recebi. Foram para Concurso. Serás atendido.

Regina Martyr Estevens de Alcoforado Pinto Calhau. — Fiquei seriamente atrapalhado com tantos beijinhos... Um milhão!... As histórias estão engraçadissimas, principalmente a da Lolote. Continua e manda.

Dois milhões—dois é pouco—... tres milhões de beijinhos!!... Chegam?

Baldomero H. Tavora. — Recebi. Serão publicadas as apêndotas.

Guilherme M. Sousa. — Então podia lá recusar a tua colaboração? Manda e depois se vê.

Maria Luiza de Sousa Madureira. — Manda pedir para a Administração do «Seculo», os numeros que te faltam, enviado o dinheiro. Um abraço.

Francisco Valadas Ramos. — Recebi. Foi á apreciação do Director Literario sem a qual não pode ser publicado.

Sempre ás vossas ordens

TIOTONIO.

R. do Seculo, 45.—Lisboa.

Luisa Salomé. — O seu conto é magnifico. Diga-me se quere que o inclua no concurso ou se o posso fazer publicar brevemente. Muito e muito obrigado pelos seus elogios. — Santa-Rita.

Maria Leonor Lima Brandes. — O seu conto será publicado. Peço-lhe que me mande dizer a sua morada para lhe escrever a esse respeito. — Santa-Rita.

HORA DO RECREIO

PRAXINOSCOPIO SIMPLIFICADO

Para a construção de que se trata, deve arranjar-se uma caixa de cartão, um pouco forte mas que não seja excessivamente grossa. Fixa-se no centro por meio duma cunha T, de cortiça ou de madeira, segura com goma ou cola, um eixo vertical de pau, um lápis, por exemplo, com o bico aparado. Do lado A da caixa cola-se um prumo de cartão M, coberto de papel escuro, e tendo apenas na altura desejada um pequeno orifício O. Do lado B fixa-se outro prumo M', de madeira (pode ser um bocadinho de régua) escorado por meio dum braço f.

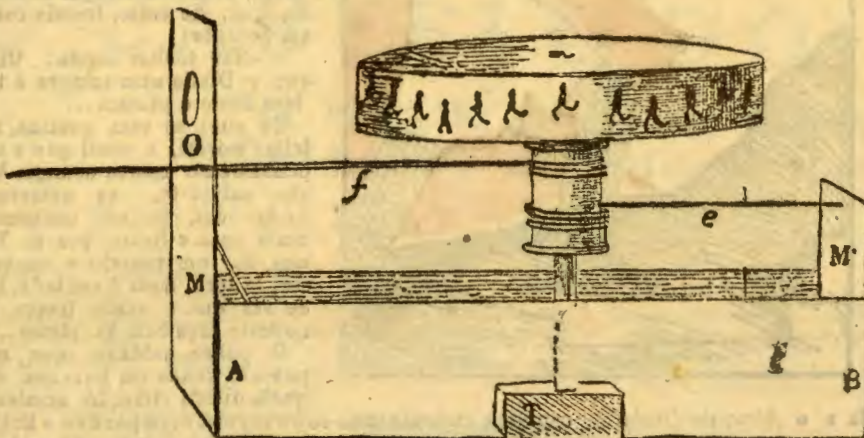
O praxinoscópio propriamente dito será fabricado duma

rodela de cartão, em volta da qual se prega uma tira de papel forte formando assim uma espécie de bandeja; no centro fixa-se-lhe um carrinho de linhas, vasio, sobre o qual se virá enrolar, na sua parte superior um cordel f, podendo ser facilmente puxado por fóra do cartão M, e na parte inferior, um elástico e, dando duas ou três voltas e preso na sua extremidade, ao prumo M'.

Compreende-se, agora, que o praxinoscópio colocado assim sobre a ponta do eixo poderá muito facilmente andar à roda à menor tracção exercida sobre o cordel. Por outro lado, o elástico tenderá a fazê-lo voltar á sua posição primitiva; conseguir-se-ha assim um movimento certo de vai-vem.

Resta apenas desenhar, conforme a habilidade do apresentante, uma série de personagens, de animais ou de objectos, em posições diferentes, mas sucessivas, como os diversos movimentos dum homem saltando uma barreira, um cavalo correndo, etc. Assim que o aparelho está em marcha, olhando-se pelo orifício O, ter-se-ha a sensação duma série de movimentos imitando a realidade da vida, na perfeição.

Esta experiencia baseia-se na persistencia dos raios luminosos sobre a retina.



Praxinoscopio simplificado

Adivinhas

Qual a coisa qual é ela,
Tem cinco dedos, porém,
Sendo tal e qual a mão,
As unhas é que não tem?

Qual a ave corcundinha,
Que parece andar de gatas;
Tem duas patas, mas anda,
Em geral, com muitas patas?!

Decifração da anterior

CABO

Para os meninos teimosos que queiram ler às avessas:

AROMA'D'AMORA

LAMINA E ANIMAL

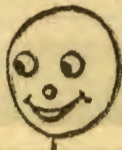
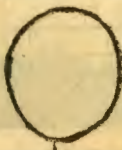
Meus meninos;

Este pescador de águas turvas pescou qualquer coisa que não é carne nem peixe. O que será?!

Vejam os meninos se serão capazes de descalçar esta bota.



LIÇÃO
DE
DESENHO



Como de um balão se faz a cabeça do Pum.

Continuação do conto: O Castelo do Diabo

as cartas foram contra êle : — perdeu também a espada, a sua companheira fiel, a sua pronta defeza... E, arreliado, maldizendo da sua sorte e da sua vida, levantou-se de má cara.

Eis que, com seu riso feroz e escarninho, volta a aparecer-lhe o *Alma do Diabo*, empunhando o facalhão enorme e afiado. Furioso, zangado, o soldado fez ainda um gesto de puchar pêla espada. Mas estava desarmado e o estalajadeiro, com uma gargalhada de escárneo, deitando-lhe as mãos aos ombros, ameaçou-o:

— «É inútil a defeza, meu valentão! e agora se até ao romper do dia não encontrares meio de pagar a conta que me deves, comigo te has-de haver...»

Olha que o *Alma do Diabo* não esquece aquilo que promete!

E dizendo isto, desapareceu a a rir de troça...

Estava seriamente embaraçado, o pobre do soldado.

O *Alma do Diabo* tinha fama de bandido terrível e era homem para cumprir as ameaças que fazia.

Mata-lo-hia, com certeza, ao romper da manhã, se êle não lhe pagasse, mas onde tinha êle o dinheiro para pagar? Como arranjá-lo? Não sabia...

E já via na frente o facalhão e os dedos temerosos do gigante, prontos a agarrá-lo e matá-lo! Fugir? Era impossível, porque a porta estava bem trancada e o *Alma do Diabo* estava de vigia.

O desgraçado chorava: estorcia-se, de raiva. As horas passavam e o dia não tardaria a clarear.

No seu desespero, nem se lembrava de resar. Não! O que êle não queria era morrer; o que êle queria era salvar-se. Pensou até em ir, devagarinho, ao quarto dos ou-

tros companheiros, que já deviam dormir àquela hora e roubar-lhes a sua espada e um saco de dinheiro ..

Estava êle a tratos com estes feios pensamentos, quando a seu lado apareceu um estranho personagem.

Recuou, atemorizado, porque nêle reconheceu logo a figura do Diabo, em pessoa! Era realmente Belzebut, — Rei dos Infernos e Príncipe do Mal, com seu característico traço de rigôr: gibão e calçotes vermelhos, pes de cabra, rabicho nêgro ao fundo das costas, unhas longas, afiadas e recurvas, duas aguçadas hastes de chibo, de cada lado da testa; entre rêpas de cabelo, ruivo como o fogo e olhos donde chispavam faúlhas de lume infernal...

Com uma fala muito suave e meiga, procurou socegar o soldado, que, de susto, tremia como um defunto:

— «Não tenhas medo! Olha que o Diabo nem sempre é tão feio como o pintam ..»

Eu ouvi as tuas queixas, infeliz mortal, e senti que o teu pensamento estava comigo. Venho salvar-te, — se quizeres! Anda daí, Eu sou conhecido nesta casa e ficarei por ti. Vamos dar um passeio e conversar, lá fóra, mais à vontade. Pode sêr que o vento fresco da noite te faça bem às idéias...»

O pobre soldado, que não pensava senão em livrar-se daquela difícil situação, aceitou o

convite e embrulhando-se no capote, acompanhou o Diabo.

Este, cã fora, enlaçou pela cintura o corpo tranzido do soldado e ambos arrancaram, num alto vôo, pelo espaço alem! E voáram, voaram um grande pedaço, até que o Demonio aterrou e poitou, com êle, na cumeada altíssima duma serra, coberta de penhascos.

(Termina no proximo numero).

